



“PIPOCANDO NA HORA DO FERVO”: A MATRIPOTÊNCIA NO BREAKING

***“BURSTING THE SPOTLIGHTS”:
THE MATRIPOTENCY IN THE BREAKING***

***“ESTALLANDO A LA HORA DE FERVO”:
A MATRIPOTENCIA EN BREAKING***

**Louise Lucena de Oliveira (Ifádámiláre Òjèyímiká)
Maria de Lurdes Barros da Paixão**

Louise Lucena de Oliveira (Ifádámiláre Òjèyímiká)
Programa de Pós-Graduação em Dança -
PPGDANÇA/UFBA; cursa mestrado por meio
do projeto *Quando o rio corre para o mar:
empoderamento social com o Bgirlism no Brasil*.
Estudo em Dança sob orientação da Dra. Maria
de Lurdes Barros da Paixão. Bolsa Capes. Atuação
profissional como artista performer da dança.
E-mail: louiselucenadanca@gmail.com

Maria de Lurdes Barros da Paixão
Programa de Pós-Graduação em Dança -
PPGDANÇA/UFBA; PHD/Professora associada III do
Departamento de Artes da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte (UFRN). Líder e pesquisadora
do Grupo de Pesquisa Linguagens da Cena/LINC/
CNPQ/UFRN. Docente permanente do Programa
de Pós-graduação em Dança da Escola de Dança da
Universidade Federal da Bahia (PPGDANÇA UFBA).
Pesquisadora do Grupo GIRA-Culturas Indígenas,
repertórios afro-brasileiros e populares/CNPQ/UFBA.
E-mail: maria.paixao@ufrn.br

Resumo

A mulher no *Breaking* ocupa um lugar de luta constante para sublimar o apagamento, invisibilidade e silenciamento de sua história nessa cultura. Diante disso, este artigo pretende refletir sobre a mulher negra e afro-latina na construção sócio-histórica e cultural do *Breaking* brasileiro, enquanto exercício reflexivo-crítico e afroreferenciado, de maneira a sulear os caminhos percorridos por essas mulheres através das intersecções entre questões sociais, políticas e culturais relacionadas à raça, gênero e sexualidade a partir de relato autobiográfico e análise de entrevista feita a *crew Bsbgirls*, em 2012, pela UnBTV. Através deste trabalho é possível perceber que mesmo com mudanças na cena ainda há múltiplas questões a serem problematizadas e refletidas.

Palavras-chave: Ancestralidade, *Bgirls*, Dança, Gênero.

Abstract

Women in Breaking occupy a place of constant struggle to sublimate the erasure, invisibility and silencing of their history in this culture. In light of this, the article aims to reflect on black and Afro-Brazilian women in the socio-historical and cultural construction of Brazilian Breaking, as a reflexive-critical and Afro-referenced exercise, to guide to the south the paths taken by these women through the intersections between social, political and cultural issues related to race, gender and sexuality, based on an autobiographical account and analysis of an interview conducted with the *Bsbgirls* crew, in 2012, by UnBTV. Through the work it is possible to see that even with changes in the scene there are still multiple issues to be problematized and reflected upon.

Keywords: Ancestrality, *Bgirls*, Dance, Gender.

Resumen

Las mujeres en el Breaking ocupan un lugar de lucha constante para sublimar la borradura, la invisibilidad y el silenciamiento de su historia en esta cultura. Con esto en mente, el artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las mujeres negras y afrobrasileñas en la construcción socio-histórica y cultural del Breaking brasileño, como un ejercicio reflexivo-crítico y afroreferenciado, para conducir hacia el sur los caminos recorridos por estas mujeres a través de las intersecciones entre las cuestiones sociales, políticas y culturales relacionadas con la raza, el género y la sexualidad, basado en un relato autobiográfico y el análisis de una entrevista con la tripulación *Bsbgirls*, en 2012, por UnBTV. A través del trabajo es posible ver que, incluso con los cambios en la escena, sigue habiendo múltiples cuestiones que problematizar y sobre las que reflexionar.

Palabras-clave: Ascendencia, *Bgirls*, Bailar, Género.

Quando a mulher negra se movimenta...

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.” Em sua fala durante apresentação na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, 25 de julho de 2017, Angela Davis expôs a centralidade ocupada pela mulher negra dentro da sociedade. Precisamos mastigá-la¹ para compreendê-la um pouco melhor.

É preciso sublinhar que, ao ouvir tal enunciado dito por Angela Davis, ele pipocou² em nosso corpo, ou seja, virou-nos do avesso e rompeu com a lógica de compreensão unilateral de um mundo que é dialético. Essa fala carrega a força matripotente, desenvolvida por Oyěwùmí (2016), a qual nos convida a pensar e a resignificar a categoria de gênero e os valores civilizatórios, políticos e socioculturais atribuídos à cultura ocidental, que caracteriza peculiarmente o *Breaking* brasileiro. Nesse contexto, de acordo com o padrão das sociedades ocidentais, a representatividade de corpos dissidentes no *Breaking*, assim como a ocupação dos espaços de poder desses corpos, constitui-se em ação política, ética, estética, social e cultural para a dança.

Ademais, a representatividade é imprescindível para uma *muDança*³ na sociedade. No entanto, será que somente representatividade garante essa *muDança*? Mesmo percebendo a quebra de alguns paradigmas dentro da comunidade do *Breaking* brasileiro, através da atuação das *bgirls*, referentes a questões problemáticas que estão relacionadas à misoginia e à LGBTfobia, ainda assim o processo de apagamento e silenciamento das mulheres tanto dentro quanto fora da comunidade do *Breaking* são avassaladores.

Nota-se, então, que ao refletir sobre a atuação do *Bsbgirls* percebermos o quanto precisamos manter o tensionamento dos espaços e estruturas normativas na comunidade do *Breaking* num fluxo contínuo e constante para a manutenção das conquistas adquiridas a partir de suas ações. Ainda,

1. Na cultura yorùbá, mastigar o conhecimento significa nutrir-se dele.
2. Pipocar é usado ao longo do texto para se referir ao ato de romper com a lógica racional, construindo conhecimento e pensamento crítico-reflexivo a partir do corpo em relação com as sensações, memória e emoções.
3. Ao escrever a palavra *muDança*, com “D”, desejo chamar atenção para o movimento que caracteriza o próprio ato de dançar e se mover, mesmo quando em pausa.

não demora muito para perceber que, se não falarmos sobre a construção histórica e artística das *bgirls* no *Breaking* nacional e da dança de maneira geral, suas contribuições e existência serão apagadas completamente, talvez em um espaço de até uma década.

Por essa razão, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a mulher negra e afrolatina na construção sócio-histórica e cultural do *Breaking* brasileiro, enquanto exercício reflexivo-crítico e afrorreferenciado. Ressaltamos que o conceito de Matripotência não foi utilizado de forma aprofundada, visto que a intenção era recorrer ao uso para pensar sobre as dinâmicas socioculturais na dança *Breaking* e suas intersecções de gênero, sexualidade e raça. Para tanto, lançamos mão de revisão bibliográfica de autores e textos afrorreferenciados com temática sobre negritude, matripotência e interseccionalidade. Além disso, fizemos uso de diário de bordo e análise de entrevista com a *crew*⁴ *Bsbgirls*, concedida à UnBTV, canal de televisão da Universidade de Brasília, em 2012, e disponível no YouTube.

Amor, Carinho, Respeito e Ancestralidade⁵

Faz-se necessário mencionar que em seu livro *Mulheres, raça e classe*, Davis (2016), no primeiro capítulo, evoca o passado como circunstância e análise de uma construção e perspectiva a respeito da mulher negra que tensiona o contexto construído política e ideologicamente na sociedade heteronormativa, branca e patriarcal norte-americana. Ao comparar com o Brasil, percebemos semelhanças com essa linha de raciocínio e de experiências do processo de resistência ao sistema escravocrata brasileiro.

De acordo com Paixão (2009), a cultura afro-brasileira e o povo negro inserido em seu contexto sócio-histórico-cultural ainda são vistos sob o prisma de algo que é exótico, folclórico e sensual. Já para Conceição (2005), há três “L” atribuídos à imagem do povo negro na mídia brasileira, vale citá-los: “lúgubre”, relacionado aos fatos policiais; “lúdico”, aos estereótipos das “alegres festas nacionais”; e “luxurioso”, relacionado à sexualidade. Assim, aplicar esses

4. Forma que se refere aos grupos e coletivos de *Breaking*.

5. Para a artista Vânia Oliveira em suas oficinas de dança, são convocações corporificadas de reverência e reconhecimento de si e do outro.

aspectos na construção desse material torna-se importante porque são conceitos que incidiram nos corpos negros no campo da dança, na construção ético-estética estereotipada de seus corpos, expressividades e cultura.

A dança enquanto espelho social reflete muito, senão tudo, do que se estrutura e se condiciona normativa e culturalmente na sociedade. Em vista disso, a objetificação dos corpos negros provocou, continua provocando, pois ainda transborda e desdobra consequências sociais que vão se constituindo em triplos abissais em nossa sociedade. Ao mesmo tempo que expressam e denunciam estruturas institucionalizadas e violentas, também se transformam em processos e manifestações complexas de expressão cultural e empoderamento sociopolítico e ideológico, bem como reproduzem as violências institucionalizadas. O *Breaking*⁶ é uma cultura vivenciada principalmente por homens cis heteronormativos, criado por negros e latinos na década de 1970, nos Estados Unidos (EUA). Hoje em dia possui caráter globalizado, sendo praticado por diversos grupos étnicos e de diferentes raças.

De acordo com Rose (2021), o contexto bastante conflitivo na cultura do *Breaking* refere-se à participação das mulheres em sua construção e história, já que durante um longo período o tensionamento entre homens e mulheres na disputa de poder das narrativas e de suas contribuições se manteve intenso com pontos de vista e perspectivas diferentes.

A construção imagética-estética, expressiva, político-ideológica da mulher dentro da cultura do *Breaking* está diretamente imbricada com as relações sociais referentes às categorias: gênero, raça e sexualidade. Considerando que somos a manifestação do que foi construído no passado, vejamos:

O que a “mulher” designa no contexto do cativo não deve ser explicado em termos de domesticidade ou proteção, mas em termos da violência negada do direito escravista, do caráter sagrado da propriedade e da necessidade de submissão absoluta, da alienabilidade da capacidade íntima, da venda de descendentes, da patologização do corpo, da restrição da sciência, do uso multifacetado da propriedade e do status precário da escrava dentro da esfera pública e da casa-grande da plantation. O dispositivo instrumental da sexualidade operava desconsiderando

6. O *Breaking* é um dos quatro elementos da Cultura Hip Hop e representa a dança. Essa cultura surgiu no início da década de 1970, no Bronx, na Av. Sedgwick, 1.520, Nova Iorque (EUA). Disponível em: <https://www.djkoolherc.com/copy-of-koll-herc>. Acesso em: 10 nov. 2023.

normas regulatórias brancas, como castidade e casamento. As características constitutivas da escravidão como um modo de acumulação e produção - a extrema violência, a posse da vida e da capacidade, a reprodução forçada, a destituição do parentesco, a fungibilidade e o valor do escravo como um produtor direto e uma mercadoria - marcaram e determinavam o caráter da sexualidade e do gênero. Nessa economia, relações legítimas e adequadas estavam impedidas previamente (Hartman, 2022, p.71).

Diversas implicações sociais e relacionais se desdobram a partir desse contexto. Vale destacar que, destituída de qualquer direito e humanidade, pois a mulher negra, se submissa, era ferosa e lasciva; se resistente, era raivosa e agressiva. Ainda hoje a mulher negra, independentemente de sua classe social e a depender de sua postura e participação política, é tratada de forma preconceituosa, isto é, a sua imagem forte e empoderada se traduz como comportamento agressivo, raivoso entre outros adjetivos perversos e preconceituosos veiculados nas mídias convencionais hegemônicas. Esse fato lembra o tratamento dado pela mídia estadunidense à ex-primeira-dama Michelle Obama, quando esta saiu a campo para colaborar ativamente com a campanha presidencial do seu marido Barack Obama, eleito o primeiro presidente negro da história dos EUA, em 20 de janeiro de 2009.

A esse respeito, de acordo com a reportagem intitulada *O legado de Michelle Obama*, feita pelo jornal espanhol El País Internacional, no ano de 2016, Michelle Obama chegou à Casa Branca vista com ceticismo, desconfiança e críticas, sobretudo porque ela se autodenominou “*mom in chief*” que pode ser traduzido ao pé da letra como “mãe em chefe”, ou seja, a primeira-dama se colocava no comando de sua família e entre silêncios, frases calculadas e estratégias, ressignificou o papel de primeira-dama dos EUA. O exemplo do comportamento da ex-primeira-dama estadunidense Michelle Obama é trazido aqui como exemplo de matripotência no tocante ao papel da mulher na centralidade familiar, no cuidado e no bem-viver de seus membros.

Por conseguinte, nem o *status quo* de primeira-dama dos EUA, com formação superior em Harvard, outros atributos e privilégios no âmbito socioeconômico e cultural impediram os ataques discriminatórios e preconceituosos contra sua pessoa. Necessariamente o *status quo* das mulheres negras não evita ou impede que o racismo se manifeste em diferentes graus de violência

e tentativa de aniquilar, silenciar e apagar as contribuições das mulheres negras, seja no Brasil ou nos EUA. Importante destacar que se a mulher for negra, pobre, nascida e criada nas periferias das grandes cidades brasileiras ou estrangeiras, o grau de perversidade do racismo e apagamento contra essa mulher é aumentado e suas consequências se tornam mais graves e danosas para a vida dela e do povo negro como um todo.

Outrossim, a imagem da mulher negra, construída completamente objetificada socialmente até os dias de hoje colhe as fraturas despedaçadas da zona do não ser: o silenciamento de suas vozes, enquanto agentes sociais e de suas próprias vidas; o apagamento histórico de suas contribuições socioculturais; a objetificação de seu ser constantemente erotizada sexualmente e a violência desmedida como dispositivo de controle sobre seus corpos. Em contraponto a todo esse contexto, construído e disseminado pelos valores civilizatórios coloniais e ocidentais, temos as cosmologias africanas com entendimentos e compreensões completamente diferentes.

Ressalvamos que utilizamos a cosmopercepção yorubana, entendendo que esta representa junto à cultura bantu um dos maiores pilares de influência e construção sociocultural, política e ideológica da diáspora negra nas Américas durante o período de escravização.

Para o povo yorùbá, a mulher é uma divindade tal qual os demais *irúnmọ̀lès*⁷. Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí explica que:

Ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. A eficácia de Ìyá é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma Ìyá, todos nascemos de uma Ìyá, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que Ìyá. Quem procria é a fundadora da sociedade humana, como indicado em Ọ̀ṣẹ̀túrá, o mito fundador yorùbá. A unidade social mais fundamental no mundo yorùbá é o par Ìyá e prole (Oyěwùmí, 2016, p. 3).

Sem hierarquização ou definição sobre gênero, em muitas comunidades em África, para manutenção da dominação e submissão negra à sociedade,

7. Divindades do panteão religioso yorùbá.

não se pode vilipendiar e deturpar as estruturas sociais e cosmo percepções dessas comunidades, por isso têm sido fundamentais. E, diante desse contexto, promover o apagamento e silenciamento dos valores civilizatórios e construtos históricos relacionados ao gênero e à sexualidade africana sejam tão fundantes na construção social ocidental nas Américas.

Dito isso, é importante salientar que a sistemática entre opressor e oprimido se retroalimentam a partir das ações e reações de ambos dentro das estruturas e esferas sociais instituídas. O exercício do mover social, enquanto um condicionamento e dispositivo para manutenção do sistema, torna-se problemático nesse sentido. Percebe-se isso ao refletir sobre como a ancestralidade africana vem se desdobrando e atualizando dentro das culturas afro-latinas e que, para sua compreensão, transmissão e cocriação é preciso um estado de presença e consciência desperto, crítico, reflexivo e ao mesmo tempo corporificado na práxis relacional com outros planos de imanência⁸.

E, diante disso, qual ou quais as réguas de leitura e compreensão sobre as culturas afrolatinas? Quais seus fundamentos e zonas sensíveis à deturpação e esvaziamento ético-estético de sua construção e expressividade? Quais estratégias de continuidade da ancestralidade são tecidas?

Para o povo yorùbá, a beleza está associada ao caráter e ao seu cultivo, ou seja, construir e ter um bom caráter é sinônimo de beleza. Esse entendimento se reverbera em todas as esferas e estruturas sociais. Assim, a relação com os demais planos de imanência parte da melhor prerrogativa e intenção possíveis. Fazer algo esteticamente belo, desde o autocuidado, zelo e compromisso com o que se trabalha socialmente à expressividade transbordante na cultura e arte de seu povo, tudo passa pela ética e espiritualidade. Considerando que tudo é correlacionado entre si, o fazer artístico não se separa da vida e de seu cotidiano. Para eles, inclusive por terem sua tradição ancorada na oralidade, suas manifestações artísticas tradicionalmente estão preenchidas de sentidos e signos que carregam consigo o conhecimento de seus fundamentos e valores civilizatórios yorubanos, portanto, valores civilizatórios africanos que são a todo instante compartilhados, atualizados e presentificados por todos.

8. Imanência, para Sodré (2017), é o constante estado de movimento sobre os planos de existência da ordem do visível e do invisível que estão interligados fluidamente.

Voltar para prosseguir

Vídeos com a entrevista concedida à UnBTV pelo canal do YouTube, em 2012, remete-nos às subjetividades e fatores que estão para além do dito e como os entrelaçamentos das relações vão sendo construídas nos meios de convivência coletiva da dança em todos os seus âmbitos. Há muitos aspectos marcantes nas falas que demonstram a potência do *Breaking*, enquanto agente de transformação social. No entanto, iremos nos ater a questões relacionadas a gênero, raça e sexualidade.

Dito isso, um aspecto interessante, e que chama a atenção, é que ao falarem sobre como o grupo surgiu em 2003, percebe-se que mesmo sendo uma cultura e dança com valores éticos e morais que preconiza o acolhimento da sociedade como um todo, foi a partir da transgressão de sua normatividade instituída que as mulheres do grupo *Bsbgirls* se sentiram empoderadas para criarem um grupo sem o tutelamento masculino, gerindo o desempenho e o desenvolvimento qualitativo de suas *performances*. Conquistando assim autonomia em suas carreiras.

Diante do relato sobre o contexto, no qual o grupo foi criado, pensamos sobre a *performatividade*⁹ masculina negra e afrolatina dentro dos ambientes coletivos de *Breaking*. Essa *performatividade* é consequência do binarismo de gênero, assim como é um lugar de *status* valorativo e de destaque da força e da virilidade masculina enquanto crenças em torno de uma identidade masculina com aparência de substância, pois “Significativamente, se o gênero é instituído por meio de atos que são internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa que o público social mundano, incluindo os próprios atores, passa a acreditar e a atuar no modo de crença” (Butler, 1990, p. 179, tradução nossa).¹⁰

Nessa perspectiva de reconhecimento na afirmação e construção das identidades há um desdobramento das fraturas abissais do passado

9. O termo reflete as ideias de Butler sobre performatividade de gênero (1990).

10. “Significantly, if gender is instituted through acts which are internally discontinuous, then the appearance of substance is precisely that, a constructed identity, a performative accomplishment which the mundane social audience, including the actors themselves, come to believe and to perform in the mode of belief” (Butler, 1990, p.179).

ecoando na contemporaneidade, atualizando-se juntamente à ancestralidade. “São corpos com conhecimentos cumulativos, corpos-memórias que contam e reatualizam histórias da experiência vivida” (Conrado; Santos; Paixão, 2022, p. 14). Apesar de um contexto intimidador e masculino, também é um espaço que acolhe o outro como a òya acolhe sua prole. É possível perceber que as mulheres, ao se aquilombarem e tecerem estratégias de transgressão e construção de outras sociedades possíveis dentro da comunidade do *Breaking*, criam caminhos que curam e de fato deslocam os ambientes para outras esferas relacionais e estruturas possíveis.

Ao se colocarem em um caráter de igualdade dentro da dança *Breaking*, mesmo diante dos desafios instituídos por sua estrutura que exige condicionamento físico e força diferenciados, as mulheres corporificam a ancestralidade, pois tomam para si o lugar da criação existente em òyá. E mais, ao se preocuparem com a estética e virtuosidade de seus trabalhos, incluindo o impacto e troca que estes promovem em seus semelhantes, procuram ser fontes de inspiração e incentivo ao desenvolvimento e construção de seres humanos melhores. As *bgirls* evocam os princípios e fundamentos basilares da cultura do *Breaking*, ancorados nas cosmologias africanas e muito semelhantes aos princípios éticos-estéticos encontrados na cosmopercepção yorubana sobre a beleza como manifestação do caráter.

Por assumirem o agenciamento de suas vidas, as *bgirls* transgridem o *status quo* imposto socialmente sobre seus corpos. Rompem o silêncio imposto ao se moverem com consciência e pleno estado de presença nos caminhos escolhidos e trilhados individual e coletivamente. Reificam o sentido de òyá e de sua prole, porque se tornam centro de seus destinos e fomentam o bem-viver dos que assim desejarem fortalecer contígua e conjuntamente, consolidando o estado de matripotência.

Pipocando na hora do fervo

Apesar de identificar e refletir aspectos positivos, referendados e percebidos ao longo da entrevista em análise, junto aos referenciais teóricos trazidos até o momento, o grupo destacou que a falta de conhecimento sobre preparação corporal, didática e metodológica é coisa que dificulta o

acesso e o ensino do *Breaking* para a sociedade, e potencializam as lesões e machucados. Essa constatação se revela a partir da fala: “Um preconceito que existe é que as pessoas no meio (do *Breaking*) ainda apoiam apenas a estética da dança. Eles vão só pela *performance*” (*b.girl* Lou).

Isso porque o passaporte para ingresso na comunidade do *Breaking* é sua dança. Quanto mais virtuosa e complexa a dança, com movimentos que aliem principalmente força, velocidade e precisão, ou ainda o risco elevado de uma lesão e até mesmo a morte, como os saltos mortais, mais mérito e admiração se conquista na comunidade. Possuindo, assim, dois pesos e uma medida, a glória para quem consegue seu reconhecimento diante da comunidade, o fortalece enquanto indivíduo, massageando seu ego e moldando sua subjetividade.

O caminho para quem não consegue destaque semelhante, não carrega doçura. Isso não significa que estratégias não sejam tecidas na cocriação de outros caminhos possíveis a serem trilhados, nem que não haverá acolhimento. No entanto, essa pessoa dificilmente terá de fato o respeito da comunidade e será levada em conta com relação aos seus conhecimentos e contribuições possíveis em qualquer âmbito referente ao *Breaking*. Dessa forma, a pessoa é vista e tratada com capacitismo até que se sobreponha na comunidade.

Para se chegar nesse lugar, obviamente, há toda uma construção, porém isso não acontece para as mulheres. Para elas, esse lugar de menos-valia é prerrogativa em sua dança e *performance* desde sempre. E se elas não desenvolverem os atributos que lhes são impostos e que estão relacionados a uma *performatividade* masculina hétero cisnormativa, tais como força, precisão e velocidade numa dimensão espaço-temporal masculina, elas ficarão às margens da comunidade, sendo apagadas em sua dança durante as competições e grandes *cyphers*¹¹, bem como silenciadas em seus conhecimentos e reflexões, além de preteridas para ocupar espaços de poder no *Breaking*.

Para as mulheres e população LGBTQIANP+, o caminho se torna mais difícil devido aos lugares e contextos impostos aos seus corpos socialmente e que acabam sendo reproduzidos na comunidade do *Breaking* enquanto reflexo sociocultural. Ao fazermos parte da primeira *crew* formada exclusivamente

11. Rodas de dança em que se compartilham o conhecimento e os fundamentos do *Breaking*.

por mulheres, tivemos uma jornada diferenciada durante nosso processo de amadurecimento dentro do *Breaking* e podemos dizer que desfrutamos de uma concepção e percepção da cena diferente, e sentida na prática do cotidiano e na corporificação das suas *saBenças*¹².

O pipoco¹³ na hora do fervo é quando a vida nos convida a continuar do jeito dela, desafiando a nossa consciência. Nesse momento, o pipoco acontece e nos incita a nos mover. E no desequilíbrio dessa movência, promovemos o movimento do mundo ao nosso redor. No pipoco, as mulheres do *Breaking*, que superaram barreiras e desafios para estar na cena, construíram impérios para a comunidade. Então, as mulheres no *Breaking*, em especial as mulheres negras e afrolatinas, vêm movendo o *Breaking* brasileiro desde sua base e, no entanto, seu apagamento histórico permanece. As *bgirls* foram as primeiras a criarem um evento competitivo denominado *Batom Battle*, em que o cachê valorizou o *breaker*, proporcionando valor e dignidade a sua dança.

“Angu de caroço”

Na disputa pelas narrativas no *Breaking*, as *bgirls* conseguiram não só avançar sobre alguns aspectos relacionados ao gênero e à sexualidade, mas também tecer contraculturas que não necessariamente estão na superfície da comunidade. Elas correm submersas, suleando longe dos holofotes do *mainstream* do *Breaking*, também por lá.

Ao voltar à frase de Angela Davis, atualmente, compreende-se, por meio das escolhas e redes de apoio construídas junto às *bgirls* nacionais, que ao nos movermos, movimentamos o mundo conosco. No entanto, para compreender como uma quebra efetiva dos paradigmas preconceituosos refletidos na cena se dá, faz-se necessário um estudo mais aprofundado, contínuo e abissal sobre as interseccionalidades que cruzam a sociedade e se espelham na cultura do *Breaking* em relação às categorias de raça, ao gênero e à sexualidade. Trouxemos neste artigo apenas algumas questões que, por si só,

12. Termo cunhado pelo autor Lau Santos (2022) que significa os saberes que transitam entre o mundo material e o espiritual.

13. Pipoco é uma gíria referente ao romper com a lógica racional no ato da dança em analogia ao estouro das pipocas.

já constituem um “angu de carço”. E sendo assim, cabe a continuidade dos estudos e aprofundamentos tanto acerca dos aspectos estéticos da dança quanto em seus códigos civilizatórios, éticos e morais. Inclusive, sobre como a matripotência das mulheres negras e afrolatinas se aprofunda e impacta efetivamente no *Breaking*.

Referências

- BUTLER, Judith P. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- CONRADO, A. V. de S.; SANTOS, L. P. dos; PAIXÃO, M. de L. B. da. Danças e africanidades: desafios anticoloniais na pós-graduação em dança, caminhos desobedientes para epistemologias e estéticas insurgentes. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.28911. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/28911>. Acesso em: 1 dez. 2022.
- CONCEIÇÃO. Fernando. **Como fazer amor com um negro sem se cansar e outros textos para o debate contemporâneo da luta anti-racista no Brasil**. São Paulo: Terceira Margem, 2005.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. tradução Heci Regina Candiani. - 1.ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.
- Exclusiva: Bsbgirls - Parte 1 de 2. Disponível em: <https://youtu.be/hfYloo0f0RA?si=HZQLCXEmq2N7HDCR> Acesso em: 4 dez. 2023.
- Exclusiva: Bsbgirls - Parte 2 de 2. Disponível em: <https://youtu.be/dhqJsM4J5rs?si=Ly3AacNasJi7s0cc> Acesso em 4 dez. 2023.
- HARTMAN, Saidiya. **A sedução e O ventre do mundo: uma nota sobre os trabalhos das mulheres negras**. traduzido por Fernanda Silva e Sousa, Stephanie Borges, Marcelo R.S. Ribeiro - São Paulo : Crocodilo, 2022.
- O legado de Michelle Obama. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/27/internacional/1477592368_425395.html. Acesso em 5 dez. 2023.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **Matripotência: ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [ìorùbás]**. Tradução para uso didático de OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Matripotency: ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. **What Gender is Motherhood?** Nova Iorque: Palgrave Mcmillan, 2016, capítulo 3, p-57-92, por Wanderson Flor do Nascimento.
- ROSE, Tricia. **Barulho de preto {recurso eletrônico}**: rap e cultura negra na América contemporânea. Trad. Daniela Vieira ; Jaqueline Lima Santos. 1º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021